

FARPA

revista literária



não tenho nada contra
mas

Bruno Molinero

Oficina de Escrita Criativa

Nota editorial

um gato preto entra na igreja, pula no colo da santa
as badaladas dos sinos de bronze anunciam carnaval
o dono do bar embriagado reza a missa aos sábados aos domingos descansa
o coro sacro lê notícias de amanhã ao som de guitarra portuguesa e pandeiro
as pessoas choram batem palmas brigam abraçam-se em praça pública, um cheiro de broa
ao som das línguas e seus tons consoantes chiadas vogais abertas gírias navegantes de um Atlântico
que espera

espera

então lê

o que se escreve hoje em Português.

todos os cantos o que se conta é o texto
é um texto é um texto é
uma FARPA na pata de um gato preto.

*

Seja bem-vindo à Revista FARPA, edição 2025.

Aqui estão reunidos textos produzidos pela comunidade do Mestrado de Escrita Criativa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. As autoras e os autores são artistas que já fizeram ou ainda fazem parte do programa da FLUC.

Que esta coleção lhe traga prazer e fruição.

Das organizadoras,
amanda e Camila.

3	não tenho nada contra Bruno Molinero	Lucas Castor	Sem título	33
10	Empurrar o Texto para o Mundo: Ensaio de um Corpo Escrevente Ana Braz	Daniela Carvalho	Tão dentro da minha pele	34
12	SHELTER SONG Duarte Lima	Pedro Luís	CAFÉ	35
13	Da farelenta terra castanha, Sónia Pereira	Marco Esteves	A escrita transcende	36
14	Se amanhã for a última Katharina Leão	Sofia Costa	“O erro: o big-bang criativo”	37
16	Personagem deitada no chão da narrativa Clara S.	M. L. Vieira	Mnemosyne	38
17	ELA veio por mim Isis Andrade	Joana Oliveira	Spheric Persuasion	40
18	Mirror J. Ames	Gabriella Andrietta	Poema Java	41
19	A Humanose Pedro Rosário	Mário Cunha	PASSE POÉTICO VERDE	42
20	ouriço amanda santo		Boletim meteorológico Clara S.	44
22	Scroll Rita Andrade	Gabriella Andrietta	Cantina	45
25	FLOWERS AND COWS Maria Madalena	Camila Filipa	Escrita de Vidas Contadas – memórias avulso “Alfredo”	46
26	O Papel de Parede Alfazema Inês Viegas	Manuela Sofia Silva	Monólogo sobre a Guerra em África	48
28	Yellow Teresa Teixeira	Cátia Cardoso	marinetti	50
29	O cheiro que não sai Juliana Amaro	Mário Cunha	FALTA	52
31	Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha (IX) Válder Nogueira	amanda santo	o último bar	54
32	ESPOSA PERFEITA Manual de Instruções Katharina Leão	Bruno Molinero	em regra, (...)	55

Coordenação do Mestrado

Graça Capinha
Manuel Portela

Coordenação Editorial

amanda santo
Camila Filipa

Edição

amanda santo
Ana Carolina Braz
Ana Pedrosa
Camila Filipa
Daniela Carvalho
Gabriella Andrietta
Isis Andrade
Maria Madalena
Rita Andrade

Design e paginação

M. L. Vieira

Capa

Fotografia de Charles Moussette, 1886

Revista FARPA

@revista_farpa

Empurrar o Texto para o Mundo: Ensaio de um Corpo Escrevente¹

Ana Braz

Tentei fugir, mas o cordão ainda pulsa e nos liga. Talvez nunca consiga cortá-lo por completo. A maternidade é uma parte visceral da minha escrita e, ao resistir-lhe, sei que ela persiste. Então, rendo-me ao convite. Com frequência, vejo-me dizendo que lançar um texto ao mundo é como “parir”. Se pode ser parido, então foi gerado e gestado. Como se partes do que li, vivi, ouvi, senti e pensei (consciente ou inconscientemente) recombinassem entre si, dando origem a algo novo, mas nunca totalmente inédito. Derrida afirma: “*the substitute does not substitute itself for anything which has somehow existed before it*” (DERRIDA, 1970, p.280).

Gerar, gestar e parir são experiências individuais e, ao mesmo tempo, ancestrais. Durante semanas, desenvolvo algo em mim, sentindo um estranhamento próximo ao que Freud chamou de *Uncanny*. É um processo orgânico, onde imprimo partes de mim e de um outro externo. Para existirem, precisaram de um original, assim como a reescrita é dependente de um texto anterior. Enquanto gesto, influencio o texto e sou influenciada por ele num jogo de duplos. Ele carrega meus traumas, meus desejos, minhas hesitações, traz minhas lacunas e contradições, porque sou feita delas. Somos dois e, ao mesmo tempo, um. Somos? Se eu me alimento para alimentar outro, então o texto é meu parasita? Como Barthes sugeriu, cada leitura é um novo nascimento do texto, mas também sua morte na versão anterior. Gestar um texto é atravessar angústias: como será? Sobreviverá? Gostarei dele? Será aceito ou rejeitado? É assustador não ter certezas e saber que algo meu precisará morrer para que ele possa nascer. Mas se um texto é parte de mim e, ao mesmo tempo, um outro, ele também me alimenta. Serei, então, eu a parasita do meu texto?

Um texto precisa vir ao mundo. Às vezes, lentamente; outras, abruptamente. E dói. Meu corpo todo se mobiliza para expulsá-lo. A dor me assusta, tento controlá-la, mas quanto mais resisto, mais prolongo o processo. O texto quer sair, meu útero é pequeno para ele. Tenho ideia de que a fase do pré-expulsivo pode ser longa entre o contrair e o dilatar. Empurra, desce, expande meus ossos, amolece minhas cartilagens. Dançamos. Resolvo ouvir os sinais. Meu corpo sabe o que fazer. Não quero ser anestesiada, quero estar inteira e consciente de cada puxo. Cada vez menos no concreto, mais na imagem. A tal *partolândia*, como informalmente chamamos o estado de transe durante o trabalho de parto. Uma terra de fronteira. Estou pronta. Deixo as palavras saírem, uma a uma. Respiro. Por instantes, penso que não conseguirei, mas as contrações me trazem de volta. Ainda não sou mãe, mas também já não estou grávida. Como se chama esse espaço intermédio? Ainda não publiquei, mas ele já não pertence ao mundo das ideias.

Respiro. Empurro. Depois que um texto nasce, já não me pertence. Ele precisa encontrar outros corpos para se alojar. O texto me escapa, se infiltra em outras mentes, onde ganha novas formas e sentidos. A relação simbiótica entre escritora e texto se dissolve, e essa perda é inevitável. Escrever é sempre um ato de fé: uma entrega ao desconhecido. Um filho e um texto que saem de nós carregam nossas marcas, mas não são nossas cópias. O abjeto é “*aquilo que perturba uma identidade, um sistema,*

uma ordem”. Como Kristeva sugere, a atração e a repulsão são pontos de um mesmo eixo, e flutuamos nesse *continuum*. A escrita também.

Agora que pari, procuro os meus vestígios na minha criação: os dedos, o nariz, aquela frase, aquela personagem. Com quem se parece? Entre sangue, papéis e tintas, enquanto o útero se contrai de novo, vejo as marcas invisíveis da subjetividade de quem escreve. Ainda sangra. O corpo que escreve não é neutro: está atravessado por sua história, seu tempo, suas dores. A mulher que escreve enfrenta condicionamentos, logísticas e olhares eloquentes em lembrar que ela não “deveria estar aqui”, “que não é boa o suficiente”, “que faltou revisão”. Claro, faltou, faltou tempo também. E espaço mental. Entre escrever, e cuidar, e acolher, e cozinhar. Uma mulher que escreve, que ousa escrever, faz não só por ela – e poderia, se quisesse, afinal quantos eles escreveram só por eles –, mas escreve por todas as que vieram antes e que, não obstante tivessem ideias (muitas!), não puderam. Escreve também pelas que aqui estão, como se sussurrasse em seus ouvidos “também podes! A tua voz tem valor”. Escreve pelas que ainda virão, para que escrevam, se quiserem, sobre o que quiserem. Como disse Gloria Anzaldúa: “*I will have my serpent’s tongue – my woman’s voice, my sexual voice, my poet’s voice. I will overcome the tradition of silence.*” (ANZALDÚA, 1987, p. 59).

¹Esta é uma versão adaptada do ensaio entregue como reflexão teórica do trabalho final entregue por mim no âmbito da disciplina de “Ficção Narrativa”

²Derrida, J. (1970). *Structure, Sign, and Play in the Discourse of the Human Sciences*. In *Writing and Difference* (pp. 278-293). University of Chicago Press.

³Freud, S. (1919). *The Uncanny*. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XVII* (pp. 217-256). Hogarth Press.

⁴Rebei, A. (2004). *L’écriture et la réécriture: Du texte à l’hypertexte*. L’Harmattan.

⁵Barthes, R. (1977). *The Death of the Author*. In *Image, Music, Text* (pp. 142-148). London: Fontana Press.

⁶Kristeva, J. (1982). *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. Columbia University Press.

⁷Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands / La Frontera: The new mestiza (1st ed.)*. Aunt Lute Books.

Duarte Lima

SHELTER SONG

Olvidado por el desierto,
I will seek shelter
Among the rabbit hunters
Y los reflejos del embalse seco.

I will seek shelter
With the tumbling bouquet of candytuft
Y la enfermera despiadada;
Con los insectos sudados
Y the damp cloths of the summer

Con todo aquello que mis pies han pisado
Y the quail egg shells drowning on the pavement.
Tropiezo conmigo mismo
Y con la arena del desierto que me ha olvidado.

Sónia Pereira

Da farelenta terra castanha,

por gorgolejantes entranhas,
a raiz rugosa emerge.

No vagar do pó,
um arquipélago de pedras puídas deriva,
entre lenhosos monstros ancestrais.

De onde se parte e para onde se foge,
em sossegada invisibilidade,
o ar morno constringe

árvores
raízes,
e pedras
da farelenta terra castanha.

Se amanhã for a última

Se amanhã for eu, quero ser a última. **Se amanhã for eu, quero ser a última. quero. se amanhã for eu.**
Quero, se amanhã for eu, ser a última.
Ser a última? Se amanhã for eu.
QUERO SER A ÚLTIMA, SE AMANHÃ FOR EU.
Eu, se amanhã for eu, quero ser a última.
Se eu for eu, quero ser a última.
Se eu, amanhã, for eu, quero ser a última.
Amanhã, se for eu, quero ser a última.
A última quero ser, se amanhã for eu.
Quero ser, se amanhã for eu, a última.
Se amanhã for eu, quero ser a última.
Se amanhã for eu, quero ser a última.
Amanhã for eu, a última quero ser.
Se amanhã for, eu quero ser a última.
Se amanhã for eu, quero ser a última!
Se amanhã for eu, quero ser a última.
Se amanhã for eu, quero ser a última.

Se amanhã for eu, quero ser a última.

Ser a última. quero. se amanhã for eu.

Quero, se amanhã for eu, ser a última.

Ser a última? Quero, se amanhã for eu.

QUERO SER A ÚLTIMA, SE AMANHÃ FOR EU.

Eu, se amanhã for, quero ser a última.

Se eu for amanhã, quero ser a última.

Se eu, amanhã, for, quero ser a última.

Amanhã, se for eu, quero ser a última.

A última quero ser, se amanhã for eu.

Quero ser, se amanhã for eu, a última.

A última, se amanhã for eu, quero ser.

Se amanhã for eu, a última quero ser.

Se amanhã for, eu quero ser a última.

Quero ser a última! Se amanhã for eu.

AMANHÃ, QUERO SER A ÚLTIMA, SE FOR EU.

Se amanhã, for eu, quero ser a última.

Personagem deitada no chão da narrativa

Ludmilla deitada de costas, nua no chão de pedra. O corpo mede 1,80m de altura, mas uma vez que está deitado diremos antes 1,80m de comprimento. (Por vezes dizemos mesmo que um corpo tem 1,80m como se um corpo pudesse possuir uma propriedade de medida). Um corpo delgado mas robusto, 56 Kg, desejável, já tinha sido dito. Cabelo espesso e escuro, um tom de pele que combina com o halo amarelado dos 28 Kg de ração (metade do peso de Ludmilla) despejados sobre ela, à volta dela. Um rosto que ainda não se vislumbrou bem.

A narradora deita Ludmilla na dobra da realidade. Ludmilla, personagem, estendida no chão do mosteiro, nascida de uma memória vaga de Ludmilla Ramalho, artista. Ludmilla deitada no chão gelado tem frio: Está frio, porra! Porra de edifício velho, cidade húmida, gente carunchenta.

A narradora sabe que o chão do mosteiro à beira-rio, sucessivas vezes inundado pelas águas escuras que sobem, tem de estar empapado de velhas humidades. Sabendo-o, é aí que deita Ludmilla. Fá-lo porque quer apresentar à protagonista uma obra de arte no mosteiro.

A narradora esquadrinhou o seu reportório mental de obras de arte e Ludmilla Ramalho sussurrou-lhe: Fuck Her. A cor, o cheiro, o tempo, o tédio: lembrás-te? A narradora mordeu e foi à procura. Não sabia o nome de Ludmilla mas encontrou-o na net: Ludmilla Ramalho chama-se, a performance é Fuck Her. Tinha mesmo um website: ludmillaramalho.com.br. Afinal era sobre violência contra as mulheres. A narradora tinha lido a violência sobre os animais e a redenção da entrega do corpo à violência animal. Afinal não eram assuntos assim tão distantes.

Ludmilla: o nome era perfeito, sim. Transportava logo uma personalidade na sua singularidade e trazia o exotismo de alguém estrangeiro àquela cidade de contornos nublosos mas que se adivinhava monumental e ferrada de bolores. A narradora deitou Ludmilla, pesou-lhe a ração e largou os pintainhos. E Ludmilla cumpriu com a sua performance, discreta e silenciosa enquanto a protagonista espetadora escavava o seu delírio. E agora, finda a performance, réstias de público a circular no claustro e a espreitar ocasionalmente atrás da cortina, a narradora não sabe o que fazer de Ludmilla. Ela, mulher de luta, de grito, de “in your face” aguarda com impaciência crescente. A autoria da performance é dela, é certo, e a narradora limita-se a dar-lhe palco. Mas Ludmilla, muda e quieta, é uma declaração forte porque Ludmilla é trovão, berro, empurrão. E, por isso, é necessário que a narradora a erga, contra o chão esponja, contra a cidade vaidosa. Cansei!, vocífera. E começa a levantar-se, a sacudir as sementes coladas à pele, a enxotar os pintainhos cansativos e a enxotar o público fora de horas. O público recua em pudor e horror: já não é uma obra de arte, é uma mulher musculada e nua que os admoesta. A narradora corre atrás, a ver se remedeia os danos.

Referência à obra de arte “Fuck Her”, de Ludmilla Ramalho, apresentada no Festival Voltz, Porto, 2023. Mais sobre a obra aqui: <https://www.ludmillaramalho.com.br/trabalhos/fuck-her/>

ELA veio por mim

No meio da escuridão imensa é onde me encontro. A terra húmida envolve o meu corpo quase como se fosse um cobertor frio, mas, ao mesmo tempo, aconchegante. Divago durante o pequeno tempo que me resta, enquanto começo a sentir a terra a entrar-me pela boca adentro no meio do sufoco de não conseguir respirar.

Então é a isto que sabe ser enterrada viva. Sabe à terra húmida que me cobre inteira, sem deixar um único espaço livre. Sabe à dor de saber que vai acabar e que a partir daqui só piora. Estou a ir para o sítio de onde vim, a minha roupa vai deixar de ser minha. As criaturas da terra querem-me digerir, querem retirar o corpo estranho que lhes invade o território.

Lentamente começam-me a morder, enquanto continuo a tentar respirar a terra que me cobre. A dor excruciante alastra-se por mim, tornando-se comigo apenas uma. Já não havia mais um “eu”, a dor era o meu “eu” completo. Desejo que a Morte chegue o mais depressa que Ela consiga, pois que jamais serei capaz de aguentar uma eternidade disto.

É um processo lento, a decomposição humana. Primeiro, a terra ocupa todo o espaço que consegue dentro do corpo. Depois, vêm os insetos que te comem a carne toda até ao osso. É para lá que todos caminhamos. Acabamos todos por ser comidos.

A terra é pesada ou, se calhar, fui eu que fui enterrada muito fundo, 3 metros de cova, são, precisamente, 3 metros de cova que me escondem do mundo que me fizeram deixar. São 3 metros de terra por cima de mim, 3 metros cheios de larvas que lentamente se aproximam e são depositadas em mim e, que usam a minha carne, para acabarem de se formar e se tornarem ainda mais nojentas e com mais capacidade de comerem o resto de mim. Quantas mais larvas, mais rapidamente sobram de mim os ossos.

O silêncio é tão profundo que se torna audível o andar e rastejar deles. As minhocas que rastejam pela minha pele, deixam a sua baba pelo meu corpo já com a roupa destruída.

Entretanto devo ter deixado de sentir, devo ter deixado de respirar. A terra ocupou, finalmente, tudo de mim. Todo o interior de órgãos, entrou por tudo, assim como os bichos. Continuavam a comer-me por fora e começaram a comer-me por dentro.

Morde, leva o pedaço de carne para o covil. Morde, leva o pedaço de carne e engole. Faz 1, faz 2, faz 3, faz infinitamente.

São 3 metros de bichos, são 3 metros de terra, são 3 metros sem ar, são 3 metros de dor, 3 metros infinitos. A terra era pesada, o silêncio era profundo.

O silêncio continua profundo.

A Morte tinha vindo por mim.

J. Ames

Mirror

I cannot hold an atom like I hold my breath
I cannot see my breath unless the air is cold
The air is not cold unless the seasons change
The seasons do not change unless the time passes
My bathroom mirror in the same place
My face, a graveyard of masks

Your reflection, a clock
An echo

(An echo)
My reflection, a clock

Your face, a graveyard of masks
Your bathroom mirror in the same place
Though the time changed and the seasons passed
You see your breath (the air is cold)
You cannot hold an atom like you hold your breath

Mirror (mirror) on the wall
Its distortions big and small

Pedro Rosário

A Humanose

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Barata deu por si na cama, transformado num gigantesco humano. Estava deitado sobre o dorso, sentia os ossos da coluna, uma dor dura na lombar e, ao levantar um pouco a cabeça, analisou o arredondado e roseado, com camadas adiposas típicas de um senhor de meia idade sedentário e beberrão, ventre flácido. No resto do corpo apenas duas pernas e dois braços, que eram miseravelmente grossos, e em nada lembravam seus três pares de pernas articuladas da noite anterior.

O que me aconteceu?, pensou Gregório enquanto passava as mãos pela cabeça procurando pelas antenas que faltavam. PÉÉÉÉÉIM! O despertador gritou, derrubando-o da cama como um saco de batatas. Eram seis horas da manhã e a mãe Barata estridulou da cozinha: VAI SE ATRASAR PRO TRABALHO, GREGÓRIO!

Trabalho? Barata se lembrou dos sonhos da noite anterior: se vestir, terno, gravata, sapato, corredor, maleta do trabalho, espremido nos vagões de um metrô, nove horas sonolentas no escritório, uma hora de descanso, voltar para casa, banho, comer, cama.

Sua pele porosa e oleosa da testa começou a suar em desespero, a noite anterior brotou em calafrio. Gregório pegou a coberta do chão, se envolveu dando voltas e mais voltas, jogado na cama, transformou-se em um casulo de algodão e elastano, olhos fechados e uma singela vontade de poder voltar a ser o que era antes.



amanda santo

ZINE DIGITAL



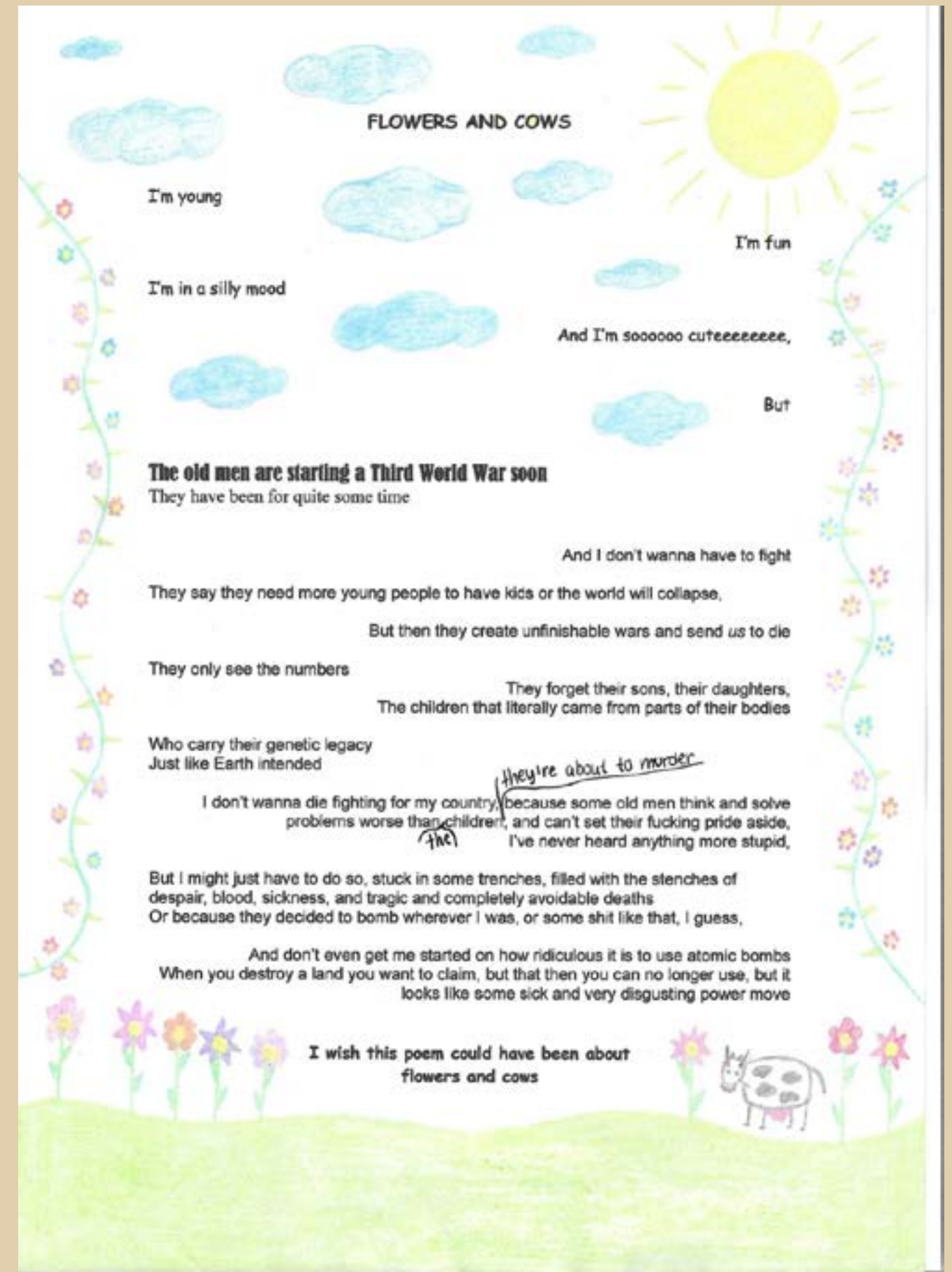
Scroll

guaxinins preguiças gatos no spa
capivaras cães de raça lontras a nadar a comer a passear na rua
a dançar reggaeton?
uau.
lontras são o meu animal espiritual.
receitas vegan em dez minutos
pão na frigideira massa fresca salada mediterrânea
começo a ficar com fome
deitada na cama de barriga cheia.
eating like hailey beiber
eating like kim kardashian
eating disorder.
735 milhões de pessoas subnutridas números oficiais
essas não filmam what I eat in a day porque
some days they don’t eat
e
soaria inconsistente
mas
talvez pudessem fazer algo do género
today I ate this bread and that was it.
curto.
conciso.
imediato.
ideal para a capacidade de atenção reduzida da plateia.
mas não convém pensar muito nisso.
é a evolução natural do mercado.
fashion week in milano
festa em hollywood
première drogas na casa de banho baile de máscaras
met gala

genocídio.
eles varrem tudo para debaixo da passadeira vermelha.
eras tour
jatos privados
meio milhão de desalojados
ministros em fatos apertados num calor sufocante
dizem que a situação não é assim tão grave
ufa.
que alívio.
afinal está tudo bem.
próximo vídeo.
copenhagen street style
eu tenho de comprar aquelas calças
rendas a aumentar
link para comprar aquelas calças
amigos a emigrar
eu não tenho dinheiro para aquelas calças.
pesquiso a versão barata
pondero
não!
eu não apoio a fast fashion
não exploro paquistaneses
não alimento a sociedade de consumo nem concordo com
estão em saldos
adiciono ao carrinho.
é só desta vez.
e eles dizem
if your felling lost in your 20’s
sim
eu estou perdida nos meus 20’s
cabeça nas nuvens
cabeça na cloud
é que eu sou
da geração z
sem tempo
tic tac tik tok

meio mundo em meia hora
e
nós podemos ser o que quisermos.
eles dizem que nós podemos ser o que quisermos.
e eu
odeio a américa
quero ir viver para nova york
e ser a patti smith nos anos 80
ele sabe disso
e dá-me mais
rock and roll
filmes livros e
filmes e
a ascensão da extrema-direita
e livros e música
grupos ultranacionalistas
e mais filmes
muitos filmes
eu amo filmes
setenta mil mortos
e filmes e música
cada vez mais filmes.
cada vez mais mortos.
muitos mortos.
muitos filmes.
é absurdo.
estar vivo é absurdo.
volta a aparecer a lontra dançarina
e eu absurdamente
sorrio.

Maria Madalena Silva



O Papel de Parede Alfazema

Primeira Parte

Dez horas. Escutam-se passos. Batem à porta.

...Bom dia! Desculpa, já entrei. Outra vez a pensar no dia de amanhã?

Bom, para começar, leitor, Clara estava sentada na cama com um ar cismático quando a sua mãe entrou. Não exatamente apreensiva — não era algo que a preocupava, pelo menos até ao momento — mas talvez reflexiva. Ou poderei dizer, em termos práticos, completamente perdida nos seus pensamentos. O motivo não seria estar a pensar no dia de amanhã, como sugerira a sua mãe. Mas, nos últimos dias, as memórias daquela casa de bonecas tinham-se tornado curiosamente mais intensas. Acordara há três horas e as recordações do papel de parede de alfazema que revestia o quarto da bebé, já lhe haviam passado pela cabeça mais ou menos cinco vezes. Mas note, leitor, essas memórias chegavam até Clara de forma aleatória. Clara não se sentava propositadamente para se perder em reminiscências da casinha de bonecas, mas estas chegavam até si quando menos esperava.

Uma vez, sentada nos degraus, enquanto aguardava a sua hora de saída, lembrara-se das escadas de madeira velha da casinha, onde, ocasionalmente, — afirma recordar-se, também —, espetava uma farpa no seu dedinho e lá ia a boneca pelas escadas abaixo. Era uma casinha antiga; talvez pertencesse a algum parente, como a sua bisavó Maria ou tetravó Maria, não sabia ao certo. Recordava-se de que a parede da cozinha era amarela — a divisão mais alegre — cuja cor acompanhava também as cadeiras, as cortinas, o armário das louças e bordados, a bancada e até o centro de mesa decorado com minúsculos malmequeres. Imagine, leitor, a cozinha de Monet. Poderá ser uma boa referência.

Mas havia algo em particular pelo qual Clara sentia uma certa estranheza e admiração. Desde que a sua mãe chegara, uma manhã — há possivelmente duas semanas — com pão fresco para o pequeno-almoço e um ramo de alfazema envolto em folhas de papel jornal, que este, aparentemente simples, acontecimento fê-la relembrar intensamente aquele papel de parede. Era a memória que mais ressurgia a Clara, o papel de parede alfazema e a caminha de grades em pinho do bebé. Declarava lembrar-se de deitar o bebé — de madeira, leitor, os bonecos eram feitos da mesma madeira que a casinha de bonecas — na cama de pinho, que ficava ao lado da enorme janela do quartinho, e imaginava que, durante a noite, este escutava o ruído dos grilos até adormecer sem resistência, pondo-se espontaneamente a imitar o som que estes pequenos seres emitem na escuridão.

Escutam-se passos a descer escadas. Em seguida, vozes que inicialmente murmuram. O tom altera-se à medida que a intensidade aumenta.

— Isto é inadmissível. Pedi-te um favor! Um!

— E eu faço-te sempre todos! Vais continuar a culpar-me porque me esqueci de uma pequena coisa?

— Pequena!?

— Sim, pequena. Deixei-te os papéis no escritório.

— Já viste isto!? Estamos sempre a discutir! Estas paredes estão cansadas de nos ouvir a discutir!

— Eu também estou!

— E pensas que eu não?

...Clara?

As memórias que tinha da casinha de bonecas eram a única realidade que restava a Clara. Nunca a encontrou, nem mesmo quando se lembrou pela primeira vez de brincar com a casinha. Recordava-se de vestir um vestidinho em tons rosa-morango — lembre-se disto, caro leitor — à boneca e de, apressadamente, correr até ao sótão na procura desta, poderei chamar-lhe, alegoria da infância. E nada. Absolutamente nada. A mãe e o pai nunca perceberam de que casinha de bonecas Clara tanto falava. Na verdade, ela nunca entrara em pormenores com eles. Dizia apenas: “A casinha de bonecas, aquela de carvalho”.

Para contextualizar, Clara teria agora aproximadamente vinte anos e foi numa certa manhã — um dia aparentemente normal dentro da sua realidade — que não poderia imaginar que iria encontrar a casinha de bonecas. Sim, Clara encontrou a casa de bonecas.

Silêncio. Ruído que ganha intensidade. Vozes.

— Não aguento mais isto! Não aguento, não aguento, não aguento!

— E eu já não te posso ouvir!

Murmura.

— Olha para nós. Não quero mais isto.

— O que queres dizer?

— Esta casa só nos trouxe problemas. Sim, esta casa! Tudo o que aconteceu aqui...

— É um cliché, sabes disso?

— O quê?

— Recomeçar. Noutra casa, noutro sítio...

— Mas não será a nossa última hipótese?

... Claraaa. Outra vez a pensar no dia de amanhã?

Não, leitor. Não era no dia de amanhã. Era a casa de bonecas. Sempre a casa de bonecas.

...E se me ajudasses, a mim e ao teu pai, a vasculhar aquela arca velha? Certamente coberta de pó. Finalmente encontrámos a chave. O teu pai estava quase a partir a fechadura, mas é tão bonita que confesso que me dava uma certa pena...Bom, não interessa, vamos abrir. Queres ajudar?

Clara assentiu. Se era para perder metade do seu dia a pensar na casa de bonecas, como já o fazia há semanas, mais valia fazer qualquer coisa de útil, pensou. Desceu para ajudar o pai e a mãe — entusiasmados por abrir a arca que há anos tinham no sótão — e sentou-se de pernas cruzadas no chão de madeira envernizado da sala. A poeira que esvoaçou era tanta que Clara não parou de tossir nos três minutos seguintes. Foi então que se escutou um suspiro, talvez de espanto.

Completamente cheio de pó, enquanto o pai segurava a tampa da arca, a mãe tirava uma peça de roupa pequenina e sacudia no ar.

... Clara, olha! Era o teu vestidinho rosa-morango!

Teresa Teixeira

Yellow

Yellow cracking
Sunlight
Blooming flowers
and Sunflower.

Bees
§
bzzzzz,
§
bzzzzzzzzz
§
bzzzzzzz
§

Pollen season
Atchim (that’s green?)

	Looking out	
	--- my garden sees --	
	Butterflies	

Whilst
Butter flies across my toast and my golden retriever barks.

While white...
Wait! What?

Hello halo.
Holy colour —
Yellow.

Juliana Amaro

O cheiro que não sai

Ela não parava de falar.

Não calava a boca por um mísero segundo, como se o silêncio fosse capaz de expô-la à própria insignificância diante do mundo – e, por isso, falava. Falava mais e mais alto. Talvez, se falasse mais alto, fosse lembrada. Ainda que apenas por isso: por falar alto demais. Era quase insuportável estar ao lado dela por mais de quatro dias. E, mesmo assim, ela continuava a falar. O protagonismo dela, roubado pela própria tagarelice, se disfarçava de insegurança. E aquilo me sugava.

A quarta-feira era cinzenta, e ventava demais à tarde. Ela falava muito, mas não fumava. Não sei por que achei importante dizer que ela não fumava – talvez porque, quando a reencontrei depois de três dias, não conseguia me livrar do cheiro de cigarro. Acordei com aquele cheiro grudado no corpo, mesmo estando numa cama que não cheirava a cigarro.

Meu cabelo fede. Tomo banho. Mas parece que até o filtro do chuveiro exala aquele fedor. Eu me esfrego, me ensaboo, e ainda assim o cheiro permanece. Ele não sai de mim ainda que ela não pare de falar.

Quis arrancar a pele, como se, sob ela, talvez estivesse a origem do cheiro, mas não arranquei. E ela batia na porta, querendo falar mais.

Falava sobre a chuva, sobre o almoço, sobre a necessidade de falar. Dizia que gostava de falar. E eu gritei. Pedi, não tão educadamente, que calasse a boca, que parasse, que me deixasse em paz, eu não conseguia tirar aquela merda de cheiro de cigarro, ela não se toca que não cala a porra da boca por um mísero segundo? e pelo amor do Santíssimo, PRA QUE FICAR FALANDO TÃO ALTO EU AINDA NÃO ESTOU SURDA MAS ESTOU PRESTES A FICAR.

Ela pediu para entrar, para ajudar, mas eu – que nunca soube aceitar ajuda – ainda que xingue gritando e que fala muitos palavrões, não queria ela lá dentro. Não queria conselhos. Não queria mais palavras, mesmo que servissem para me ajudar.

Saí do banheiro. Ela disse que não sentia cheiro de cigarro. Mas não era possível. Eu sentia. E já era o meio do terceiro dia. Ainda restava o final – e o quarto. E talvez, com aquele cheiro, com aquela merda de cheiro de cigarro, eu morresse.

No terceiro dia, não comi. Tudo me lembrava do cigarro e olha que foram três banhos. Mas então ela preparou um *risotto* de funghi, mas parecia um *risotto* feito de cigarros.

Vomitei.

Como alguém consegue fazer uma merda dessas? Que nojo.

O cheiro não saía. Só eu o sentia.

Eu gosto de risoto funghi.

Ainda que não seja feito de fungos, esse cheiro me faz rir. O cheiro não, o cheiro não sai de mim. O nome, esse nome que eu não me lembro é o dela. O nome do *risotto* me faz rir mas o cheiro dela eu

Não saía de mim.

E ela finalmente parou de falar. Ou acho que parou. Já não lembro mais. Ela falava tanto que, em certo momento, eu simplesmente aceitei que aquele barulho me acompanharia pelas próximas vinte e poucas horas. Abstraí.

O cheiro ainda estava.

Minha mão, inchada.

Os olhos, ardendo de cansaço.

Ela não me deixava esquecer.

Assim como o cheiro.

E aí eu lembrei.

Que o nome dela já tinha esquecido.

Válter Nogueira

Oficina de escrita criativa

Mosteiro de
Santa
Clara-a-
Velha (IX)

Todas as palavras são ruínas,
e, como quem da frase,
ouro retira das minas.
Aqui estive o mosteiro;
agora, apenas o lugar
do tempo, roteiro.

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (IX)
Todas as palavras são ruínas,
e, como quem da frase,
ouro retira das minas.
Aqui estive o mosteiro;
agora, apenas o lugar
do tempo, roteiro.

ESPOSA PERFEITA
Manual de Instruções

Leia o manual de instruções, atentamente, antes da utilização.

1. Instruções de Segurança

Para a segurança de todos, este produto encontra-se em conformidade com as normas e regulamentos em vigor (Diretiva de Baixa Agressividade e Alta Submissão, Disponibilidade Sexual Diária, Comportamentos Desejados com Níveis de Repetições e Variações Personalizáveis, etc.).

A sua Esposa Perfeita deve ser utilizada apenas para uso doméstico. Não pode ser utilizada para fins profissionais. A garantia fica nula e sem efeito se utilizar o produto incorretamente.

Antes de qualquer utilização, certifique-se de que o produto e os seus acessórios não têm defeitos. Se o seu produto estiver danificado ou evidenciar defeitos, não o utilize mais. Contate um serviço de Assistência de Divórcio autorizado.

CUIDADO: Mantenha-a num lugar seguro. Nunca permita que saia de casa antes das 9h ou após as 18h. Não deixe o produto em locais públicos, sem companhia, mesmo para fins de obrigações com a casa ou com os filhos.

Não utilize o produto:

Para substituir a Amante Perfeita. Apesar da aparência semelhante, os acessórios e níveis personalizáveis de variação e repetição dos Comportamentos Desejados da Esposa Perfeita e da Amante Perfeita são completamente diferentes. Utilizar uma, no lugar da outra, pode gerar danos sem conserto para os produtos e para si mesmo.

2. Antes da Primeira Utilização

Para evitar danos ao produto e garantir a sua máxima eficiência:

Configuração Inicial: Ao receber a Esposa Perfeita, utilize o Controle de Comportamento Desejado para ajustar os níveis de variação e repetição de cada categoria, conforme as suas preferências pessoais. Não ultrapasse os limites recomendados, sob pena de mau funcionamento.

Verificação de Acessórios: Com a sua Esposa Perfeita acordada, confirme que todos os acessórios, como o Sistema de Reação Empática e o Módulo de Posições para o Ato Carnal, estão instalados e funcionando corretamente.

Teste de Compatibilidade: Antes de ativar o produto em espaços públicos, realize um teste preliminar em ambiente doméstico, para garantir que todos os ajustes estão de acordo com as suas expectativas

e evitar situações de desconforto.

3. Para Utilizar o Produto

Após configurar todas as categorias de repetição e variação, siga as instruções abaixo para garantir a melhor rotina com a sua Esposa Perfeita:

Ativação Matinal: Programe a ativação matinal para uma hora antes do seu despertador. Dessa forma, ao acordar, será possível sentir o cheiro delicioso da comida caseira e do café preparados com antecedência pela sua Esposa Perfeita.

Módulo de Recompensas: Utilizar o módulo de recompensas irá reforçar os comportamentos desejados. Inclua elogios predefinidos para cada atividade bem realizada.

CUIDADO: Comandos contraditórios e mudanças repentinas nos níveis de variação e repetição podem levar à ativação do modo “Independência”, o que invalidará a garantia. Neste caso, contate

Lucas Castor

opa epa ipa

pera maria para

segura

bebe água deita

calma vamos à upa

sou eu ana

sua filha ana

lembra de mim ana

sua filha eita

porra maria foi para

já com parada para

a

u

t

i

e morreu desidratada Maria José Rocha da Silva trabalhou por mais de quarenta anos na casa de meus avós morando com a filha Ana em um quarto de quatro ou cinco metros quadrados e ganhando um salário mínimo e fumando bebendo café depois parou de fumar parou com o café bateu na minha tia-avó desenvolveu diabetes apanhou da filha controlou a diabetes foi para o hospital com uma grave infecção nos rins e não resistiu. maria fazia meu café da manhã meu almoço minha janta deixava que eu dormisse num colchonete no chão de seu quarto de dois por dois dois por três no

máximo vendo os batutinhas no sbt depois cresci fiquei indignado por ela bater na dinda parei de lhe dirigir a palavra e só há poucos anos me dei conta de que nunca a vi como pessoa digo como pessoa de direitos digo como pessoa que reage.

Daniela Carvalho

Tão dentro da minha pele

As manhãs são difíceis. Demora algum tempo a que os músculos comecem a desenrolar-se. A que todos os órgãos acordem. As pálpebras pesam. A cabeça não se mantém direita. O último a despertar é mesmo o cérebro.

A não ser que...

– Bom dia, amor! – ela sente a mão dele a tatear toda a área da sua perna, seguida da outra.

Ela vira-se de costas para ele, empinando a anca de modo a ficar colada ao sexo dele. A mão atarefada nas pernas move-se imediatamente para a vulva dela, acariciando suave e com ritmo voraz.

A verdade é que as sessões sexuais matinais não requerem o mesmo esforço que outras atividades diárias. Os olhos permanecem fechados. Os lábios seguem um caminho predefinido pelo outro corpo. E os músculos ativam-se paulatinamente.

No final a explosão dá-se em unísono – entre os dois corpos em tensão. Contudo, é na vagina da mulher que ficam ambos os fluídos. Ambos não. Marcava-lhe o penúltimo dia da menstruação. Três líquidos resultantes de uma junção de substâncias variadas e viscerais.

Nota: Apenas numa relação estável e duradoura é aconselhado o não uso do preservativo.

Porém, recaí na mulher a pouca dignidade de sair da cama de pernas bem fechadas para que nada escorra pela linha da sua pele, até à casa de banho mais próxima – bidé ou banheira – para retirar e lavar os vestígios do último prazer. Na banheira ela abre as pernas. Uma secreção espessa fluí lentamente. A lubrificação dela, ainda visível e pegajosa, mistura-se com o sémen dele, criando um manto denso, quente, que mancha a pele suave das coxas. Em simultâneo, a urina do pós-coito (obrigatório para prevenir infeções). Pega no chuveiro. A viscosidade mista do esperma e do exsudado vaginal funde-se com o vermelho-escuro do sangue. Entrelaçados num rasto morno, ainda a pulsar com o eco do prazer. O maior aglomerado drena direito na vertical. Os resíduos femininos, de uma tonalidade translúcida e ligeiramente opaca, são visivelmente cerrados, imbuídos do calor húmido. O ejaculado dele, branco e leitoso, confunde-se de forma desigual com a lubrificação dela, criando uma pasta glutinosa. O corrimento sanguinolento e ligeiramente mais líquido, faz o conjunto ficar mais escuro, tingindo com uma cor rosada, que contrasta com a leve cerâmica branca. O cheiro é intenso, metálico, com um toque ácido da marca feminina, unido com o odor mais salgado e corporal do sémen e o aroma doce e musgoso da secreção vaginal. Era uma fusão de corpos, de intimidade, de prazer e da fisiologia humana.

No final, restavam apenas os corpos: exaustos, lavados, porém marcados. O prazer tinha passado, mas a sua impressão permanecia – entre os cheiros, os restos, a memória húmida que o corpo carrega por mais tempo do que a mente.

Ela volta para o quarto com as cuecas na mão. Beijam-se. E em conjunto vão preparar o café.

Pedro Luís

CAFÉ

Naquela tarde, bebi um café. Não tinha razão para isso, nem entraves. Bebi outro, Nespresso sempre a entrar. Eram sempre mais do que dois e menos do que oito, só não sei, perdi o juízo, os aromas misturaram-se, as papilas gustativas talvez se tenham irritado e congeminado algo contra mim, mas são de mim. Tudo isso, talvez numa segunda-feira, porque tenho amnésia seletiva, ou poderia ser uma quarta-feira, se estivesse a pensar no dia em que aparecem sempre novos sabores de cafés.

Nessa tarde, mas não nesta, entornei café numa camisola branca que me fora oferecida numas Olimpíadas de Matemática, nas quais fiz batota, talvez antes de ter a coragem necessária e estúpida para ingerir tanta cafeína. O meu nariz começou a sangrar, porque tenho veias muito inquietas, reativas. Estava raivoso e esse sangue sujou as calças e a toalha da mesa e alguns panos que utilizei para...

Só não me lembro de não ter caído no chão da cozinha onde estava, nem do que iria dizer para absolutamente ninguém, porque não gostam de mim quando bebo muito café. Ou só me recordo de talvez ter continuado acordado, sem ter a certeza, para lavar aquilo que sujei. Essas duas possibilidades tão franzinas e ridículas não cabem na minha cabeça, porque já não sou essa pessoa que exagera, mas que ainda suja as roupas.

Acho que me levantei nessa tarde. Já tinha as chávenas sujas arrumadas na máquina da louça que uso quase todos os dias. Agarrei de forma muito violenta nas roupas, abri a máquina da roupa e atirei tudo para o tambor. Senti uma grave tontura, enquanto agarrava o detergente para pôr na gaveta. Cheirava a café, qualquer coisa que não o detergente, ou era ainda um resquício alucinatório e a verdade é que não sei porque estava ali.

Selecionei o programa adequado, um que levaria muito tempo a terminar, e sentei-me à beira da máquina. Não sei se é uma segunda-feira ou quarta-feira... Costumava saber antes do café e costumava ter paciência para pensar nisso, ou até uma capacidade nata que o café me levou. De repente, fartei-me da lavandaria e saí. A máquina ficou a trabalhar. Apareci à porta da cozinha e caí. De alguma outra maneira, estava de novo de pé, mas sei que tinha caído.

Ouvi alguém a bater na máquina com um martelo, a parti-la toda, faíscas, parecia mesmo um caso de violência doméstico-eletrónica. A roupa estava ainda lá dentro, mas a máquina destruída e quatro ou cinco chávenas partidas no chão, com lagos superficiais de café em que os bocados da máquina mergulhavam. Mas, não vi o martelo e até acho que tinha arrumado as chávenas na máquina da louça e não na da roupa... Mas, novamente, bebi mais um café e lembrei-me de que poderei ter feito ou não algo tão cruel com a roupa, que nunca ficou lavada. Admito que fui eu.

Odeio café e, talvez, todas as minhas versões.

A escrita transcende

A transcende
A que?
A escrita! Ora pois
claro
ESCURO
tens tanta piada

Fiz-te rir?
Não, claro que não era sarcasmo
Não apanho sarcasmo pela escrita
Claro que não, sarcasmo parecendo
que não
é u

ma emoção humana
má emoção humana?
também sim, é um bocado am
biguá
dá para os dois lados?
não, dá para aves não vês?

Estou tão confuso
É esse o trabalho da escrita,
é transcender emo
ções e análises psico
ativas e t udo mais
podes quebrar tud o s abes

Nigué m te di´ra nada se o assim fizeres
quanto ma is qu e bra do escrever es mais inteiro tu percebes

a escrita não só organiza o saber m a s a sua di mensã o estética tam b´e m
é bonito por estar mal escrito?
não
é bonito por que o po de e s tar

É boi nt o porquê a entendemos na memsa
É bnioto poruqe todos lemos e ecvrevemos de maneira dfeirente
claro ou escuro?
ameno talvez
no meio é que es ta´ a vritude.

Sofia Costa

“O erro: o big-bang criativo”

Em minha vida senti medo do erro

Eu senti medo
De uma vida de erros
Mas o erro da escrita deste poema
Não criou o próprio poema?

Uma vida de erros
Não criou uma vida?

Uma vida não cria o poema?

Do erro, crio minha vida
Do medo de errar o poema
Escrevo o poema

O erro: o big-bang criativo

Poetica e escrita criativa

Mnemosyne

I

Uma sala de espera, verde e amarela, com luzes incandescentes a piscarem aleatoriamente. Sujidade e bolor espalham-se pelas paredes de metal cinzento como lágrimas negras. Ouvimos uma tempestade lá fora, mas não vemos janelas. A melodia da chuva mistura-se com tosse, gemidos, sussurros, suspiros. Máquinas. Gritos. Uma voz feminina berra por trás de um dos doze consultórios. Quase todas as pessoas que existem naquele limbo ignoram o som estridente. Comum. Todos menos uma rapariga.

Ela está sentada numa fila de bancos de plástico, manchados e grafitados com tinta magenta. Não tem ninguém ao seu lado. O banco à sua direita e à sua esquerda estão vazios. Os pacientes evitam contacto com estranhos. Sentam-se em xadrez e preferem estar de pé quando metade dos bancos estão ocupados. Vemos os olhos estáticos dos estranhos que ocupam o não-lugar, colados a tudo menos ao agora. Sentimos dormência em cada olhar.

Outro grito. A rapariga estremece levemente. Os seus olhos cinzentos trocam entre as portas fechadas dos consultórios e as suas mãos. Os dedos metalizados da mão direita massajam a palma avermelhada da mão esquerda. A prótese reflete os tons bruscos da sala de espera. A cara dela é espelhada, distorcida, no metal.

Ela suspira, frustrada com o limbo que a prende e, ao mesmo tempo, receosa que ele acabe.

RECECIONISTA (entre estalos de pastilha elástica verde) – Eme.

A rapariga congela, como se o nome não lhe dissesse nada.

RECECIONISTA (mais alto) – Eme!

Ela levanta-se desconfortavelmente.

O rececionista, um rapaz jovem e com uma cobra néon tatuada no pescoço, está sentado atrás de um cubículo de vidro riscado. Aponta para uma das portas fechadas.

RECECIONISTA – Consultório sete, querida.

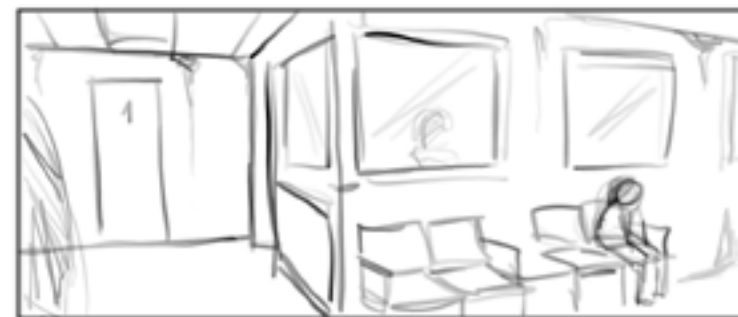
Vemos Eme reticente. Ela engole em seco. Anda muito devagar pelo labirinto de estranhos que mantêm o olhar colado nos seus dispositivos eletrónicos onde hologramas pulsantes pairam sobre o ar.

RECECIONISTA (mostra um sorriso metálico) – Sem medo! Não temos o dia todo.

Ela aperta a prótese com mais força e anda mais rápido em direção ao número sete. Antes de conseguir empurrar a porta sem maçaneta, ela abre-se de repente. Uma mulher cruza-se com Eme, saindo do consultório sete para a sala de espera. Com pele extremamente pálida e olhos dilatados, a paciente anda como um espectro, a arrastar as botas de salto pelo chão manchado, com um sorriso desnatural formado entre remendos de queimaduras químicas. Eme segura a porta antes dela fechar atrás da mulher meio-morta e entra no mundo para lá do número sete.

MNE MOSYNE

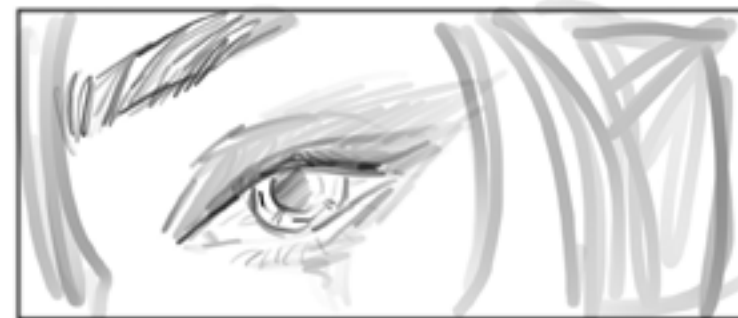
CENA 1



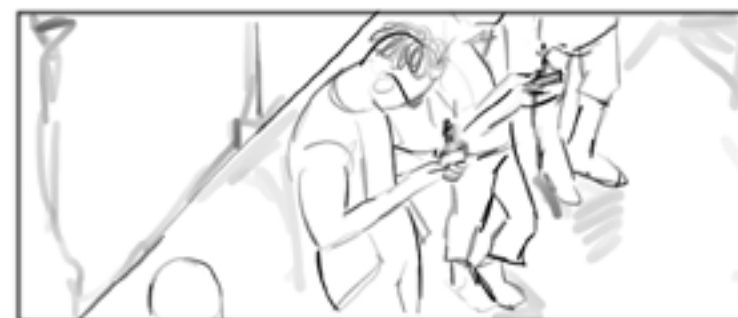
LUZES PISCAM NO TETO



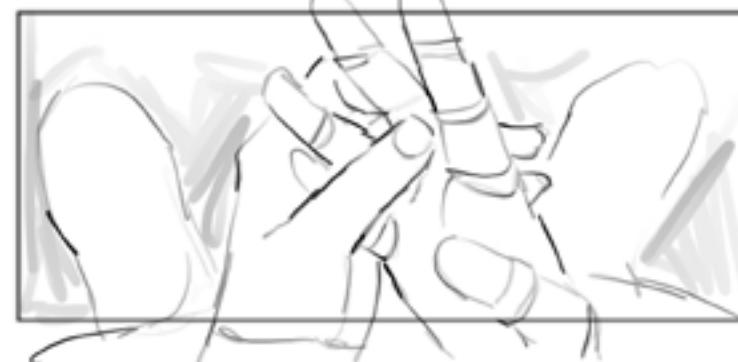
GRITO



HOLOGRAMAS REFLETIDOS
NAS CARAS QUE VEMOS



BARULHOS DE MÁQUINAS
INTENSIFICAM



CARA REFLETIDA NO
METAL

Joana Oliveira

Spheric Persuasion

It spins on the ground, rolling freely. It goes there and here and other places, as well.

It doesn’t matter anymore. Perhaps it never did.

And perhaps he might have minded once but he doesn’t mind now.

Pfft, mind.

It rolls again, made faster by the slippery floor stained red, reaches the side of the warm silhouette. Still warm.

Even if the seeping cold seems to be settling in. It intertwines with the rest of it, crossbreeding and spreading, like a blanket that cuddles or a lover that sensually worships the figure of their beloved.

Nothing so romantic, though.

The spheric, now object, remains still. The body stills as well.

Hard to move after so much blood is lost.

Gabriella Andrietta

Poema Java

```
1 // Poema.java (12/12/2023)
2 // Resposta à aula do dia 07/12/2023
3 public class Poema {
4     public static void main(String[] args) {
5         System.out.println("Hello World");
6         System.out.println("This is a poem");
7     }
8 }
9 // Final
10
```

PASSE POÉTICO VERDE

O que é a Poesia?

A Poesia é um título de transporte pessoal, válido nos saraus oficiais, para residentes no meio literário

A Poesia é simples, flexível e amiga do ambiente

A Poesia é verde, mas está disponível em azul para meninos e em cor-de-rosa para meninas, desde que uns e outras tenham progenitores conservadores

Se os progenitores do Sujeito Poético forem ambos conservadores, não é necessário distinguir os géneros de pai e mãe, assumindo-se o masculino como universal

Da mesma forma, o Sujeito Poético sujeitar-se-á sempre a ser sujeito e nunca sujeita

Porém, se os progenitores do Sujeito Poético forem ambos masculinos ou ambos femininos, a Poesia será amarela

Amarela será também se os progenitores do Sujeito Poético o sujeitarem a qualquer género de ideologia de género ou a qualquer outra sujeição semelhante como, por exemplo,

o socialismo

a social-democracia

A Poesia é, por definição, liberal e pode ser adquirida em qualquer dia do mês, tendo a validade de 30, 60 ou 90 dias consecutivos e o custo mensal de 20, 40 ou 60 unidades poéticas, respetivamente

Entende-se por Unidade Poética uma formulação constituída por fonemas que produzam alguma espécie de sentido ou, em alternativa, que não produzam sentido nenhum

Se a Unidade Poética for disponibilizada na forma de um urinol, este não deverá ser utilizado para urinar nem para escarrar, devendo o seu apreciador limitar-se a contemplá-lo

Porém, se algum apreciador pouco familiarizado com o carácter sagrado da Poesia, nela depositar quaisquer fluidos corporais, devem os restantes apreciadores fruir do seu resultado enquanto nova configuração poética

Os funcionários e as funcionárias da limpeza de espaços de contemplação poética deverão obter formação avançada em Poesia, de modo a que não a confundam com lixo

(Abra-se um parêntesis para notar que foram utilizados ambos os géneros na frase anterior, um sinal inequívoco de que a Poesia é verde, embora possa ser azul, cor-de-rosa ou amarela e, em casos extremos, vermelha ou negra)

A Poesia é carregada no Cartão Poético para o período de validade pretendido

Um portador de Poesia não carregada ou com validade expirada não poderá declamar, sendo considerado Cliente sem título poético, antiquado, fora de moda, canastrão e sujeito à aplicação de coima

Sim, como certamente terão reparado, o Sujeito Poético portador de Poesia, pode e deve ser designado por Cliente

Um Cliente portador de Poesia não carregada ou com validade expirada também não poderá reclamar, pois a sua voz deixará de ser ouvida

Será ainda sujeito a uma pena acessória, dentro das seguintes opções: ostracismo, proscricção, degredo ou enxovalhamento público

Com a Poesia carregada, o Cliente pode declamar em ambiente urbano, suburbano, regional, rural, bucólico e melancólico, sendo suportadas as cólicas dramáticas ou cómicas, desde que salvaguardadas as regras da urbanidade, ou as da modernidade, ou as da pós-modernidade, ou quaisquer outras consideradas válidas no período vigente

Com Poesia, o Cliente pode ainda deslocar-se entre cidades de 2ª classe, tendo de fazer, obrigatoriamente e de forma antecipada, a reserva de lugar na rede cultural local, sendo aconselhável a obtenção de mecenato ou de patrocínio autárquico

A reserva de lugar não tem custos para o Cliente e a declamação tem de ser realizada dentro do período de validade da Poesia

Para salvaguardar a eventual necessidade de o Cliente regressar ao próprio leito para aí adormecer na posição fetal, é permitido reservar lugar para dois saraus distintos por dia, um de ida e outro de volta

A reserva de lugar não pode ser trocada para outro dia/hora, mas pode ser anulada em casos de crise existencial

O Cliente deverá proceder à anulação até 15 minutos antes do início do sarau na localização de origem inscrita na reserva, para que o seu lugar possa ser disponibilizado a outro cliente, evitando-se assim o desperdício e o silêncio

Atenção! Caso não faça a reserva de lugar, será considerado Cliente sem título poético, sujeito à aplicação de coima

No caso de supressão do sarau ou para pedidos de reembolso e indemnização por atraso declamativo, por motivos imputáveis à CP - Comissão Poética, devem ser consultadas as condições em vigor para passes e assinaturas

Disposições finais: a partir do momento em que adira à Poesia, o Cliente estará por sua conta e risco, ficando sujeito à eventualidade de supressão do serviço, depressão e morte

Assim, recomenda-se ao Cliente que, antes de adquirir o seu título de transporte pessoal, abdique da sua personalidade.

Coimbra, 15 de fevereiro de 2024

Boletim meteorológico

Haverá um transporte de humidade
Chegará na dobra da madrugada
entregue a cada um dos rostos dormentes

Humidade montada na crista porosa
em ondulações frontais vindas do Saara

Pulverizará em extensão
Ensopará as almas em seca severa
É a crise climática.

Em réplicas as vagas
chegarão
Saturam o ar
saturam as línguas

Fechadas nos rostos
as línguas boiam,
encharcados os rostos
sem guelras silenciarão

Haverá um transporte
de rostos afogados
e vagas recuam
em deglutição
Dissipam-se ruas janelas ângulos
montras escadas
praças brancas

A cidade
submersa
acumulará charcos
em terras baixas

Haverá um transporte
de bichos rarefeitos
quadrúpedes indomados
É a crise das migrações

Ondulam intensidades
no quadrante Norte
avistam-se condensações
em galope vindo do Oriente

À transparência da água-vidro
rostos se arrastam nas correntes

Gabriella Andrietta

Cantina

A cantina estava cheia. O ambiente era barulhento e sufocante, o tipo de lugar que eu dificilmente gostaria, mas uma refeição por 2,40€ agrega muito valor ao estabelecimento. Pagaria 4,90€ pela mesma refeição? Nem sonhando. Mas por 2,40€ e pela comodidade de não ter que cozinhar, eu consigo encarar a sopa batatada e a comida insossa. O tamanho da fila também me diz que eu não sou a única que pensa assim.

O primeiro obstáculo que deve ser enfrentado na cantina é o aplicativo da universidade, uma medida provisória da pandemia que virou permanente. Parece que vivo enviando dinheiro para o SASUC e nunca tenho dinheiro suficiente. Além disso, sou obrigada a escolher a minha refeição com base em uma ementa que nunca está certa. A ementa diz que o prato vegetariano é lasanha de vegetais? Vai ser rancho. Diz que é hambúrguer de grão de bico? Vai ser rancho. Diz que é paella vegetariana? Espero que seja rancho. Falo sobre o prato vegetariano porque é o que sempre escolho, não porque

sou vegetariana, mas porque depois da experiência do coelho optei por jogar pelo seguro e me manter nas refeições sem carne.

Pegando a bandeja azul perpetuamente molhada, me preparo mentalmente para encarar o meu maior desafio: a senhora da cantina. Todo mundo teme a senhora da cantina e essa é uma verdade universal. Se você já foi à cantina pelo menos uma vez na vida, já foi repreendido por ela, especialmente se você é novo e não tem nenhum amigo que te ensine como o sistema funciona. Hoje, Deus estava ao meu lado e o rancho já estava pronto para ser levado, um acontecimento raro, já que sempre preciso pedir pelo prato vegetariano. Peguei o rancho e saí da área de visão dela o mais rápido possível. Com a refeição adquirida, só precisava pegar o pão murcho e os talheres que nunca pareciam ser do mesmo conjunto e ir para a mesa me juntar aos meus colegas.

A refeição em si foi rápida e desinteressante, especialmente pelo fato de eu quase não conseguir ouvir meus colegas falando no meio de tanto barulho. No fim, deixamos as bandejas com os pratos vazios e voltamos para as aulas da tarde alimentados. Foi uma boa refeição? Não, mas foi 2,40€.

Ficção narrativa

Camila Filipa

Escrita de Vidas Contadas – memórias avulso “Alfredo”

Leio novamente as palavras que aparecem à frente do meu nome:

indispensável à unidade.

Sobressaem entre as curtas letras repetidas que dizem “mobilizado”.

É impossível não notar.

Pisco várias vezes os olhos, tentando perceber se elas desaparecem.

Nada.

De repente, viro-me para ambos os lados, como que para garantir que estou a experienciar isto sozinho. Será uma alucinação?

O resto da malta ficou a comer o seu lanche. Alguns haviam dito:

- Para quê ir ver já isso? Vou e vou, é um destino que não escapa a ninguém!

E outro retorquiu:

- Só não vai quem tem grandes cunhas!

Esse não é o meu caso. Nunca fui protegido de ninguém, nem sequer capaz de grandes influências. Se gostam de mim é pelo meu trabalho e porque o faço bem. Todos os soldados têm o mesmo fado: ir para a guerra. Eu sei disso. Mas não é por saber disso que me vou desleixar com as tarefas, como

vários colegas fazem. Eu nunca fui homem de querer problemas. Aprendi cedo a ser disciplinado, responsável, a dar o melhor de mim, através do meu pai e da sua educação austera. Sempre soube que devia corresponder ao que me era exigido. Pensei que estaria também disposto a fazê-lo quando fosse mobilizado. Estava só à espera, como todos.

Volto para a sala de refeições ainda impactado pelo que acabara de ler, com a imagem da página suspensa na parede, cravada na minha memória: Alfredo - indispensável à unidade. Sempre fui de poucas palavras, muito formal, então os meus colegas não estranham o meu silêncio. Aliás, ninguém sabia que eu tinha ido confirmar as mobilizações sozinho, não lhes havia dito. Mas espontaneamente um deles interpelou-me:

- Então, Alfredo! Quando é que a tua criança nasce?

- Ainda faltam uns meses – balbucio enquanto procuro o saco com o meu farnel.

- É menino ou menina?

- Não sabemos.

- Ah, às vezes também é melhor assim! A surpresa total, é mais entusiasmante!

- Eu também prefiro!

- Eu cá queria que o meu primeiro tivesse sido rapaz, mas nasceu-me a minha Matilde. A ver se à segunda acertamos!

A sala enche-se de gargalhadas e eu consigo sair sem que voltem a falar comigo. De repente, percebo que tenho um ligeiro receio dos boatos que irão espalhar sobre a minha pessoa. Que lambi as botas ao coronel, com certeza. O que é a maior das mentiras, porque eu devo ter passado por ele duas ou três vezes, no ano e meio de serviço que já aqui cumpri.

Preso ao meu devaneio de pensamentos, conduzo inconscientemente o meu corpo de volta ao corredor onde está afixada a ordem de serviço. Apercebo-me, olhando novamente para o papel, que tenho em frente a mim a minha liberdade. Qualquer medo inicial que havia sentido dissipa-se e uma sensação fantástica toma posse do meu corpo, como se o enchesse de forças. Inspiro fundo e deixo que os cantos da minha boca se ergam naturalmente, num sorriso de pura adrenalina.

Quando estou a regressar à sala dos aviões cruzo-me com um dos superiores. Cumprimentamo-nos e eu, de forma meio atrapalhada, improviso um agradecimento.

- Não tem nada que agradecer! – interrompe-me ele. – Dada a sua formação e o seu comportamento no serviço, para nós foi clara esta decisão. Os meus parabéns! Sabemos que podemos confiar em si!

Torno a agradecer-lhe. Devo estar a sorrir muito. Penso “que coisa fora de série” e sinto-me imensamente sortudo. Prossigo o meu trabalho como habitualmente, sem distrações, focado na manutenção de uma asa. Tenho vinte e dois anos e já sei que não vou para o ultramar. Que posso ficar aqui, na capital, com a minha mulher. Ver nascer e criar os meus filhos. Alcancei uma conquista que parecia impossível de atingir. Percebo que, no mundo onde vivo, não pode haver sensação melhor do que esta.

Chego a casa, abrindo o trinco quase sem som nenhum, como de costume, mas talvez tenha feito ainda menos barulho, ou a minha cara demonstrava já que algo se havia passado. Na verdade, nos últimos tempos estávamos todos à espera de que eu fosse mobilizado. Conhecíamos muitos casos de maridos e pais que, mesmo com crianças pequenas, iam para o ultramar servir. A minha mulher aparece-me à entrada, com o pano das loiças na mão. Parece húmido, como os cantos dos olhos dela que começam a encher-se de lágrimas. Mas antes que derramem, eu consigo dizer-lhe:

- Não vou. Não me chamaram. – E pronuncio pela primeira vez a expressão que mudou o rumo da minha vida - Fui dado como indispensável à unidade.

Manuela Sofia Silva

Monólogo sobre a Guerra em África

— Quero saber como foram aqueles tempos, pai. Conta-me como foi.

(silêncio. Olhos fechados, pouco sossegados)

— A viagem foi de avião ou de barco?

(silêncio. Boca cerrada)

— De barco (quase sussurrando)

— E foste diretamente para Luanda?

(silêncio. Olhos fechados, boca cerrada)

— Lourenço Marques, Beira, Moeda, Nampula, Nacala...

Espera, pai, deixa-me tomar nota! O que fizeste lá? o que sentiste? Por que não fugiste para escapar às armas? Tiveste medo? Tiveste de matar alguém? Salvar quem? Tens traumas de guerra? Quero saber desde sempre que quero saber e tu desde sempre te negas a recordar não sou capaz de dizer nada disto e apenas pergunto:

— Eras camionista, não eras? Transportavas o quê?

(silêncio. Encolher de ombros)

— Pai, a mãe conta que uma vez estiveste no mato durante quinze dias.

— Não foi só uma vez (diz baixinho)

— Por que motivo foste para o mato?

(silêncio. Olhos fechados. Boca cerrada)

— Pai, a mãe conta que uma vez passaste por cima de uma mina e que a parte de trás do camião voou só te salvaste tu na cabine. Foi assim? Ia alguém contigo?

(silêncio. Rosto carregado a recordar muita coisa que não me quer dizer. Olhos fechados)

— O que é que isso interessa? Já passou (dizes baixinho com voz séria e seca. Suspiro)

— Pai, o estranho é que nem devias ter passado nos testes de aptidão física para a tropa.

— Doentes ou aleijados. Era carne para canhão (dizes baixinho)

Suspiro de cansaço. As palavras pesam-te e a mim também me pesam.

— Pai, a mãe diz que a tia Margarida te ofereceu um lenço branco quando partiste para África e que o trouxeste de volta enrolado ao pescoço no dia do teu regresso. Explica-me. Era simbólico para ti?

(silêncio. Silêncio. Silêncio sufocante. Silêncio que grita)

Por que não me contas não me explicas os teus sentimentos não me contas os teus tormentos? Queria poder dizer-te que não merecias ter estado onde estiveste que não devias ter ido para aquelas lutas queria dizer-te que não tens culpa, pai, não foi culpa tua tudo o que viste tudo o que passaste ou fizeste queria dizer-te que os traumas não se curam por calares a tua dor nem os fantasmas desaparecem da memória como se não tivessem existido por ficares nesse silêncio amargo.

Não me contaste mas eu sei tudo, pai. Eu adivinho tudo só ao olhar para esses olhos que já não podem ver e adivinho a revolta que abafas com as forças que te restam aqueles dois anos de vidas perdidas de gentes que por lá ficaram.

Eu sei, pai. Não há heróis. Estão quase todos no cemitério, tu ainda estás aqui ao pé de mim.

Cátia Cardoso

marinetti

marinetti

FUTURE PAST

first

poetry

then

fascism

FALTA

aponte a câmera



ou

clique para ouvir



Rua Cidade
de Cardiff

FALTA

Um tronco de árvore pregado ao chão
O mundo a rolar ininterrupto, o cheiro da relva fresca na manhã do Verão passado
O espaço intermédio entre o sonho e o seu reverso
Um sino no nevoeiro cerrado
Um caminho incerto nas limalhas de luz
Uma história imaginada, o amor externo, um rasgo de dor, o sangue vertido
O desencontro entre eu e eu e o outro e o outro eu
O meu sonho é viajar e deixar a cabeça para trás

Identidade? Qual delas?

Esta névoa sem contornos, este corpo fantasmagórico?
Este grito de outro que aqui está e quero calar?
Trago uma enormidade de coisas por dizer
Guardo-as nas algibeiras que visto descosidas desde que me lembro de me cobrir de trapos
A minha identidade é o momento
Corpo e pensamento
Sou matéria que deseja matéria e pensamento que é espaço imaterial, sem desejo ou a morrer dele

Sou pedaços
Sou pedaços e tenho a obsessão da completude
Da lógica final e definitiva que une todos os pontos de cada problema
De chegar ao fim do passatempo com a figura perfeitamente desenhada
Da exatidão matemática, ainda que adulterada pelas emoções que não sei domar

Sou desequilibrado
Sou desequilibrado e teimo em fazer o número do arame
Sou um bem perecível
Acredito que serei desmesuradamente melhor se deixar de ser quem sou

Se for outro fora deste corpo, desta vontade, deste amor que não desata, mas que me amarra a ti na ausência

Sou a minha sombra
Talvez tome um comprimido que me apague a vista de mim
De olhos fechados tudo se torna mais fácil

(Lembro-me daquele vão de escada no número 11 da Rua Cidade de Cardiff onde a luz do sol caía, coada da claraboia
Era um espaço inútil, um lugar morto
Não servia para nada a não ser para receber luz e calor)

Adio a felicidade como se não tivesse pressa
Não vou para lado nenhum
É dentro de mim que viajo, que me perco, que adio partidas e recuso chegadas
É neste espaço exíguo que tudo cabe, até o que não tem volume ou o que pesa mais do que posso suster
Sou um recetáculo, um continente desértico cheio de tralhas depostas no fundo
E cá em cima, nesta superfície em que alterno máscaras, não há uma sombra do que submergi
Cá em cima o rio corre liso, a terra não regista atividade sísmica, a vida é apenas pasmo

Falta-me o teu corpo

o último bar

[bar vazio. o som, distante. no ar, uma mosca.

com um pano muito velho, um homem de camisa puída mas bem passada

limpa o balcão quando

um cliente chega.]

C / buenas, seu Toni. uma braba, façavor.

[Toni termina de limpar com calma

o balcão

molhado

os bancos vazios]

C/ e esse mormaço, hein seu? pô, quarenta graus no lombo.

[Toni estica um dos lados da boca até o fim da arcada dentária de tal modo que gere um estalo e que o estalo seja a resposta em si. se vira, pega a garrafa de cachaça, serve, entrega. põe um palito entre os dentes, vai lavar a louça.

a mosca

a mosca

a mosca

a mosca

a mosssca

o cliente toma num só gole. olha fixo para Toni examinando o silêncio do dono do bar, o barulho da água, da mosca e mais nada. ele continua os assuntos.]

C / bouua, ahhh, muito boa! você que faz, seu Toni?

aprendeu com a família? pai avô tio, essas coisas vem de longe né?

[Toni balança que sim, mente. a verdade seria uma longa explicação. desiste da louça, desliga a torneira, os copos sujos para depois, vai até o toca discos antigo, esse sim herança da família, põe um samba triste.]

T / mais?

C / por favor!

[Toni sério serve outra dose.]

C / viu o fiasco no Trindade ontem? desgraça, cinco bucha! aquele zagueiro Paulinho, não dá seu... [Toni organiza o balcão] e os cara aqui do bar onde andam? Jorge Túlio Maury? faz o quê um mês? que eles não vem tomar uma? deve ser o trabalho, seu Toni, o trabalho consome, come a pele o osso as tripa, não sobra lugar pra cervejinha nem pra aguardente nem pras menina de vez em quando [gargalha e baba um pouco].

[Toni aumenta o volume da música. está tocando seu favorito]

~ *bate outra vez / com esperanças o meu coração / pois já vai terminando o verão / enfim* [pega a vassoura, manca até a porta do bar] *volto ao jardim / com a certeza que devo chorar / pois bem sei que não queres voltar / para mim*

[varre varre, a mosca passa] *queixo-me às rosas / mas que bobagem, as rosas não falam* [com os cantos dos olhos, mira o outro lado da rua] *simplesmente as rosas exalam / o perfume que roubam de ti* ~ [balança a vassoura para espantar a mosca e observa a nova balada da esquina, burburinho, riso, gente]

C / o pai do Fraga tá doente, sô sabe? por isso ele parou de beber. sabe como é essa gente, é tudo fase, seu Toni, uma hora todos voltam. onde o povo vai encontrar sardinha boa nessa cidade?

[o disco chia, tropeça num risco, Cartola gagueja.] ~ *dev-dev-dev-dev-dev-dev* [os dois olham ao mesmo

grande: “combo: sardinha assada + salada + 1 drink da casa = 15,90”] ~ *dev-dev-dev-dev-dev-dev*

C / a melhor é a sua, não tem pra ninguém! aliás, sai uma no capricho?

[Toni pega uma carta do bolso da calça e abre devagar. algo no papel o comove. o cliente abre o jornal que estava no balcão. a plateia pode ler na manchete: “EXPANSÃO Construtora Atlas investe na cidade velha”.

Toni tira o disco. Limpa com um pano limpo. limpa com cuidado, limpa devagar como se. recoloca na agulha, com amor, como se] ~ *devias vir / para ver os meus olhos tristonhos / e quem sabe sonhavas meus sonhos / por fim.*

em regra, os pronomes pessoais me, te, o, a, nos, vos, os, as, lhe, lhes são colocados depois do verbo, em posição enclítica; colocam-se antes do verbo, em posição proclítica, nos seguintes casos: depois de alguns advérbios, depois de interrogativos, depois de pronomes relativos, depois de pronomes indefinidos, depois de certas conjunções; por fim, no futuro do indicativo e no condicional, esses pronomes ficam em posição mesoclítica, no meio do verbo, antes das terminações de tempo e pessoa

se foda-se

amanda santo

amanda santo é poeta, escritora, artista visual e jornalista. publica poemas no portal Fazia Poesia e escreve a newsletter com verso. já publicou contos em revistas de Brasil e Portugal e, em 2024, apresentou uma dramaturgia no MATE Festival em Coimbra. em 2025 se formou no Mestrado em Escrita Criativa na Universidade de Coimbra e publicou seu primeiro livro, não há loucas furiosas nesta casa (Editora Cachalote).

Ana Braz

Desde criança, Ana escreve as histórias que gostaria de ler. Psicóloga por profissão, escritora por paixão, mestranda em Escrita Criativa por desejo. Publica ficção e não ficção, entre contos, ensaios e crônicas literárias. Acredita que tudo pode virar um bom texto — uma conversa roubada, um gesto involuntário, um silêncio carregado. Algumas dessas palavras estão no Substack: @anacarolinabraz. Outras, no Instagram: @anacarolbraz.

Bruno Molinero é jornalista e autor dos livros de poesia Alarido e Férias na Disney, ambos lançados pela editora Patuá, e dos infantojuvenis Corpo de Passarinha (ed. SM) e A Língua do Vendaval (ed. ÔZé), todos publicados no Brasil.

Camila Filipa

Licenciada em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Fez parte de vários projetos na área da atuação como a peça “Roman de Fauvel”, que teve apresentações no Teatro Municipal São Luiz e no Teatro Viriato (2022) e a curta-metragem “Aqui ninguém nos vê”, com estreia no Leiria Film Fest (2023). É também uma das autoras da Antologia A leitora (2024) e da revista de ficção especulativa PACTO (2024). Para além disso, é gestora de projetos na Bonae Spei – Associação Cultural. Instagram: @camilafilipa.rio

Cátia Cardoso (1997). Jornalista, com experiência também nos setores do cinema e da rádio. Licenciada em Comunicação Social (ESEC), Mestre em Cinema (UBI) e Doutoranda em Sociologia (FEUC/CES), desenvolve, atualmente, investigação sobre políticas culturais. Participa regularmente em atividades de promoção e debate cultural e integra o coletivo artístico Ponto!. Tem publicados trabalhos em prosa e poesia.

Clara S.

Para Clara S. a literatura é um susto que ergue à sua volta uma floresta em contraluz. A ficção é o corpo mais concreto que liga Clara S. à realidade. Clara S. está em processo de autoficção.

*

Clara S. é o pseudónimo literário de Ana Pedrosa (Porto, 1980) cuja prática criativa passa pela escrita, arquitetura, gestão cultural e dança contemporânea. Integra a equipa de poetas do portal Fazia Poesia, tem contos e poesia publicados em revistas independentes como Pacto, Selvageria, Farpa.

Daniela Carvalho

Cresceu no Entroncamento é doutorada em Saúde Pública e Epidemiologia pela Universidade NOVA de Lisboa. Publicou artigos sobre Alergia e Dermatite Atópica. É ativa no feminismo e na saúde mental. O que a motiva é a escrita literária e o teatro. Tem dois livros editados, atriz e encenadora amadora e anseia em escrever mais.

Endereço eletrónico: dfcarvalho9@gmail.com

Contacto telefónico: +351962871465

Gabriella Andrietta

Licenciada em Ciências Psicológicas e mestre em Neuropsicologia pela Universidade de Coimbra. Atualmente, é estudante do Mestrado em Escrita Criativa e do Doutoramento em Psicologia na área de Psicologia Social e Cognitiva, ambos na Universidade de Coimbra.

Inês Neto Viegas

Alentejo, Beja, 1999. Licenciada na área das Artes Visuais e Multimédia. Artista, criativa e amante de clássicos. Frequentou também outras formações como Revisão de Textos, e Mulheres Raras: A Cultura Feminina na Literatura Portuguesa do Séc. XX. Pós-graduada em Storytelling. Bailarina de Ballet Clássico. Atualmente frequenta o Mestrado em Escrita Criativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Isis Andrade

Olá :)

Chamo-me Isis e nasci em Ovar. Como forma de correr atrás do meu sonho de ser atriz, decidi ir para Coimbra tirar a licenciatura em Teatro e Educação. Foi exatamente enquanto estudava que percebi o quanto amo escrever histórias, especialmente para teatro e cinema. Sinto que a escrita é o culminar de todas as artes que amo: representação, música e escrita.

Joana Oliveira

Emília M. Zuzarte é uma estudante na faculdade de Coimbra licenciada em Línguas Modernas no ramo de Português e Inglês e a cursar o Mestrado de Escrita Criativa. Emília é uma leitora ávida cujo seu género favorito, o terror, se faz presente em quase todos os seus textos. Para além do seu amor pela escrita e a leitura, ela é ainda forte apologista das artes como cinema, música e dança, pelos quais nutre um carinho especial.

J. Ames

Formada em Psicologia e Literatura, J. Ames é o pseudónimo da tradutora Júlia Radamés, cujas paixões incluem a escrita, a linguagem e a inclinação de cabeça que os cães fazem quando estão confusos.

Juliana Amaro tem 27 anos, é carioca da gema e atualmente vive em Portugal estudando escrita criativa. Formada em Letras pela UERJ (RJ, Brasil) atua na sala de aula desde 2019 colaborando com a elaboração de materiais didáticos para o ensino básico. Em 2022 publicou o livro “Caso não tenha entendido, não vou explicar” pela Editora Autografia como resultado das oficinas de escrita criativa ministradas naquele ano. Com expectativa de democratizar a escrita e crescer no mercado editorial, gosta de se comunicar e desabafar mora também nos detalhes.

Katharina Leão é jornalista formada no Brasil, aluna do Mestrado em Escrita Criativa da FLUC e da Pós-Graduação em Comportamento Animal da PUC Minas. Sua escrita se dedica ao feminino e ao animal, explorando as experiências de mulheres e bichos que aprendem a sobreviver — e a viver — em uma sociedade marcada pela violência. Atualmente trabalha como dog walker e pet sitter em Coimbra e tem como desejo criar uma literatura capaz de transformar a vida de mulheres, cães e gatos.

Lucas Castor é graduado em Antropologia pela Universidade de Brasília. Ingressou no mestrado em Escrita Criativa da UC na turma de 2023/2024. Seu primeiro romance, Cavalo (Ed. Penalux), foi finalista do Prêmio Mozart Pereira Soares (2023). Em 2025, fundou a Selvageria, revista e editora de literatura experimental. É editor e colunista da Selvageria. Mora em Genebra, na Suíça.

M. L. Vieira

Escritora-ilustradora. Nasceu, cresceu e trabalha em Coimbra, onde ensina artes visuais e narrativas no Tumo. Ganhou o primeiro prêmio na Mostra Nacional de Jovens Criadores do site Gerador, na categoria de literatura em 2023. É cocriadora da revista independente de ficção especulativa PACTO. Autora da novela gráfica “Danificada” (2025), publicada pela Iguana, uma chancela da Penguin Random House Portugal

Sonha com tudo e mais alguma coisa.

Manuela Sofia Silva é doutorada em Estudos de Literatura e de Cultura pela Universidade de Lisboa, onde também concluiu o mestrado em Estudos Franceses. É professora adjunta convidada do Instituto Politécnico de Tomar desde 2018 e é investigadora no Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (Techn&Art). Colabora, igualmente, com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém (desde 2022). Interessa-se pelas relações entre literatura e a cultura, a reescrita, a autoria feminina, assim como a escrita criativa e de ficção. Passados vinte anos regressa à casa onde se licenciou em Línguas e Literaturas modernas para frequentar o mestrado em Escrita Criativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É autora de Programa de Escrita Criativa para sobredotados (2016); Reescritas das Cartas Portuguesas em Portugal, seguidas do conto As Cartas que nunca te escrevi (2023) e Maria no País dos brinquedos (in)úteis (2023).

Marco Esteves

O meu nome é Marco Esteves, sou licenciado em Línguas Modernas, na vertente de estudos anglo-americanos que foi onde acabei por apanhar o bichinho da literatura.

Não era muito de ler (nem de escrever para ser sincero) até chegar à faculdade. Apaixonei-me por narrativas e pela construção de mundos. Acredito plenamente que se alguma coisa vá salvar ou alterar o mundo para melhor, será a escrita.

Maria Madalena Silva é natural do distrito de Santarém, onde vive desde que nasceu. Nunca teve grandes oportunidades de explorar o mundo, por isso escreve. Tem 23 anos, é licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade de Aveiro, e está a tirar um mestrado em Escrita Criativa na Universidade de Coimbra. É também grande amiga dos animais, estando a poucos passos de se tornar uma princesa não oficial da Disney.

Mário Cunha já cá anda há algum tempo. Escreveu filmes, séries, telefilmes e telenovelas, teatro e publicidade. Publicou um romance, três livros juvenis e pequenas ficções. Recebeu um International Emmy, um Globo de Ouro, um Prémio Sophia e um Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores. Seleccionado para o European Writers Club em 2022 e para o Series Mania Writers Campus em 2023, foi o head writer da série “Espias”, incluída na Berlinale Series Market Selects 2025.

Pedro Rosário

Doutorando em Literatura pela Universidade de Coimbra, é mestre em Escrita Criativa, formado em Letras e Teatro. Nascido no Brasil, hoje vive na ventania de Figueira da Foz, com seu gato (RIP Clarice), esposa, enteado e filha. Escreve para ver se se perde. Acabou se encontrando. É autor de Delírios Paulistanos (2016), Diário do Subsolo (2022) e Pequeno Tributo ao Sonho Morto (2024).

Pedro Luís

Estudante do Mestrado em Escrita Criativa. Desde pequeno (seis anos) adoro observar, conhecer o mundo (ou parte dele), e escrever sobre ele, muitas vezes de maneira subversiva, muitas vezes de maneira a “provocar”, a questionar o cânone literário e também de maneira a fazer a catarse daquilo que sinto. O facto de ser contido e reservado permite-me ter grandes coisas no pensamento, reunir forças para criar textos que são como quase tudo na vida: nada do que se visualiza, numa primeira instância, mas muitas vezes, tudo o que não parece ser. A escrita será sempre das primeiras coisas que fiz e das melhores.

Rita Andrade

Rita tem 23 anos e é natural de Santa Maria da Feira. Estudou desporto no secundário como se não soubesse que era de letras. Licenciou-se em Filosofia pela FLUP e atualmente frequenta o Mestrado em Escrita Criativa na Universidade de Coimbra, onde se vai descobrindo como artista.

Sofia Costa é brasileira e estudante da Universidade de Coimbra. Amante da literatura, da escrita e do estudo sobre a humanidade, estas paixões a levaram a escolher História enquanto curso de graduação, sem deixar de almejar captar através da palavra o mundo a sua volta. Na busca por novas e mais frequentes experiencias de escrita, realiza atualmente a cadeira “Poética e Escrita Criativa”, fonte dos textos apresentados para a terceira edição da Revista FARPA

Sónia M. Pereira

Mestre em Escrita Criativa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2024). Pelo caminho, concluiu o Mestrado em Estudos Editoriais na Universidade de Aveiro e desempenhou funções na área de produção cinematográfica e de Teatro, depois de concluir o Bacharelato em Produção de Cinema na ESTC. Depois de umas décadas a ganhar coragem, diz-se escritora.

Nascida e criada na Ilha da Madeira, **Teresa Bazenga Teixeira** veio para o continente aos 18 anos tirar a licenciatura em Cinema e Artes dos Media. Depois de deixar esse mundo deu uma pausa na sua vida e explorou escrever noutros formatos que não o argumento. Dedicada a tornar-se uma contadora de histórias, descobriu, em Julho de 2024, o Mestrado em Escrita Criativa, na Universidade de Coimbra. Aqui iniciou a sua jornada como escritora, apaixonada particularmente pela poesia.

Válter Filipe Nogueira cursou Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade de Évora, onde explorou vídeo, teatro e performance. Publicou em Londres, em setembro de 2024, o primeiro volume do seu romance A Spiral of a Dream – The Medium. Integra atualmente o Mestrado em Escrita Criativa da Universidade de Coimbra.



Bruno Molinero Ana Braz Duarte Lima
Sónia Pereira Katharina Leão Clara S. Isis
Andrade J. Ames Pedro Rosário amanda
santo Rita Andrade Maria Madalena Inês
Viegas Teresa Teixeira Juliana Amaro
Válter Nogueira Lucas Castor Daniela
Carvalho Pedro Luís Marco Esteves
Sofia Costa M. L. Vieira Joana Oliveira
Gabriella Andrietta Mário Cunha Camila
Filipa Manuela Sofia Silva Cátia Cardoso